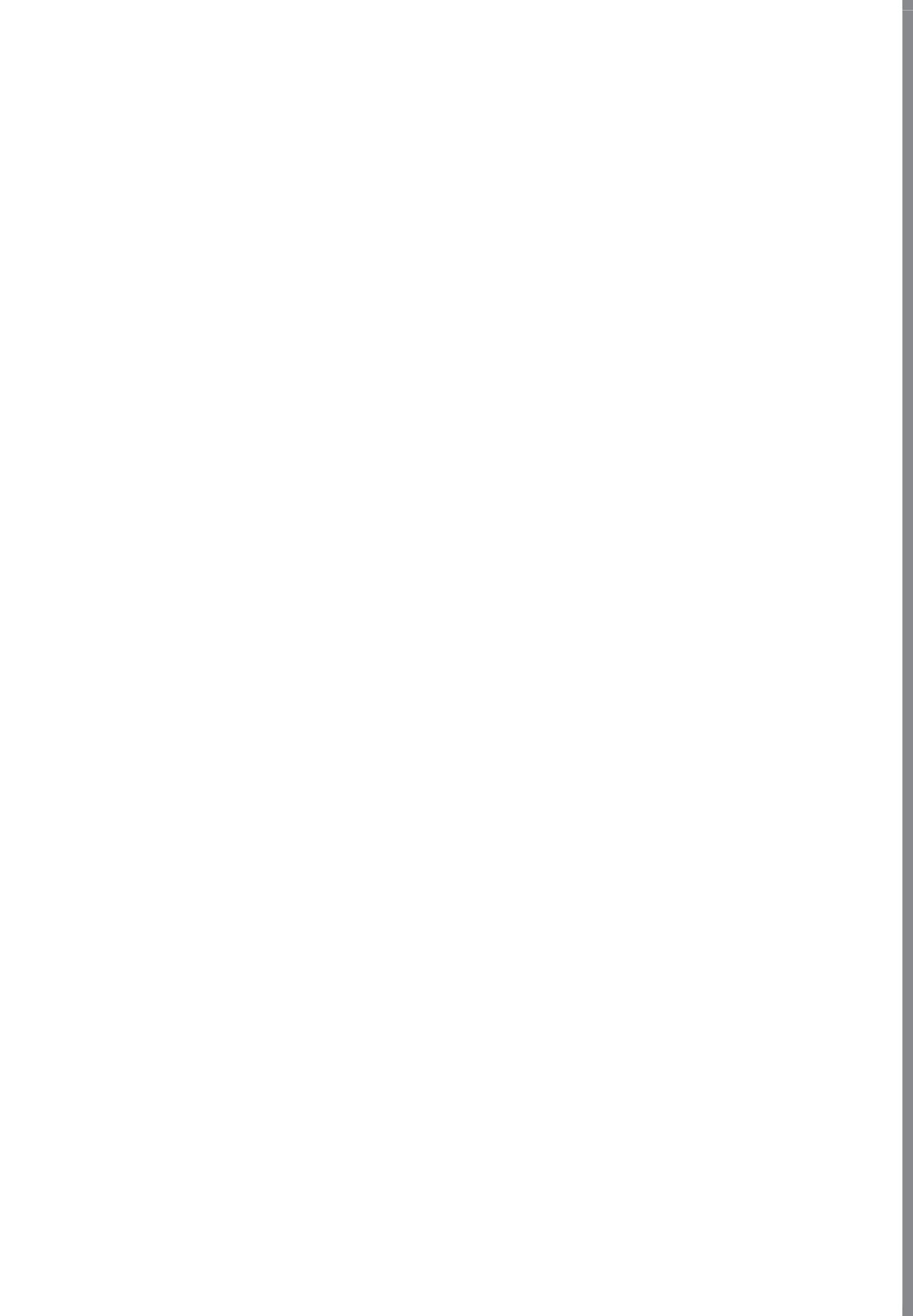


**GEORGE
ORWELL**

**A PLANTA
DE FERRO**



GEOORGE ORWELL



A PLANTA DE FERRO



TRADUÇÃO
PETÊ RISSATTI



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Keep the Aspidistra Flying

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
George Orwell

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Petê Rissatti

Imagens
Ulyana Glazova/Shutterstock.com;
Anabela88/Shutterstock.com;

Revisão
Agnaldo Alves

Uncle Leo/Shutterstock.com;
DimaLicorcie/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79p Orwell, George, 1903-1950
A planta de ferro / George Orwell ; traduzido por Petê Rissatti. -
Jandira, SP : Principis, 2021.
256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: *Keep the Aspidistra Flying*
ISBN: 978-65-5552-369-0

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Rissatti, Petê. II. Título. III. Série.

2021-595

CDD 823.91

CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tiver dinheiro, eu seria como o bronze que soa, ou como um címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas, se não tiver dinheiro, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver dinheiro, de nada valeria! O dinheiro é paciente, o dinheiro é bondoso. Não tem inveja. O dinheiro não é orgulhoso. Não é arrogante. Nem escandaloso. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Por ora subsistem a fé, a esperança e o dinheiro – os três. Porém, o maior deles é o dinheiro.

Coríntios I – Capítulo 13 (adaptado)



CAPÍTULO 1

O relógio bateu catorze e trinta. No pequeno escritório nos fundos da livraria do senhor McKechnie, Gordon – Gordon Comstock, último membro da família Comstock, aos 29 anos e já bastante degradado – estava inclinado sobre a mesa, batendo em um maço de quatro centavos de Player's Weights, fechando e abrindo-o com o polegar.

O distante tique-taque do relógio do Príncipe de Gales, do outro lado da rua, ondulou o ar estagnado. Gordon fez um esforço para endireitar-se e guardou o maço de cigarros no bolso interno. Estava louco para fumar. No entanto, restavam apenas quatro cigarros. Era quarta-feira, e ele não teria dinheiro para receber até sexta-feira. Seria insuportável ficar sem tabaco à noite, assim como por toda a manhã seguinte.

Entediado de antemão com as horas sem tabagismo do dia seguinte, ele se levantou e foi em direção à porta – uma figura pequena e frágil, com ossos delicados e movimentos agitados. Seu casaco estava desgastado no cotovelo da manga direita e o botão do meio estava faltando; sua calça de flanela barata estava manchada e desmazelada. Mesmo de cima você podia ver que seus sapatos precisavam de solas novas.

O dinheiro tilintou no bolso da calça quando ele se levantou. Sabia exatamente quanto tinha. Cinco pence e meio – dois pence e meio e uma

moeda de três pence, um joey. Fez uma pausa, tirou míseros três pence do bolso e os encarou. Coisa estúpida e inútil! Só um idiota para tê-los aceitado! Aconteceu no dia anterior, quando ele estava comprando cigarros. “Não se importa com três pence, não é senhor?”, gorjeou a vagabundinha do caixa. E é claro que ele os recebeu. “Ah, não, de jeito nenhum!”, disse ele. Idiota, idiota!

Seu coração doeu ao pensar que ele tinha apenas cinco pence e meio no mundo, dos quais três pence nem poderiam ser gastos. Afinal, como você pode comprar qualquer coisa com três pence? Mal chega a ser uma moeda, só serve para ser resposta de charadas. Você parece um idiota quando a tira do bolso, a menos que esteja entre um punhado de outras moedas. “Quanto?”, você pergunta. “Três pence”, responde a vendedora. E, então, você apalpa o bolso inteiro e tira aquela coisinha absurda, sozinha, espetada na ponta do seu dedo como um grão. A vendedora fareja. Percebe imediatamente que são os seus últimos três pence no mundo. Você a vê olhar rapidamente para eles, ela está se perguntando se ainda há uma migalha de pudim de Natal grudada nele. E você sai com o nariz empinado e não pode mais voltar àquela loja. Não! Não vamos gastar nossos três pence. Restavam dois pence e meio – dois pence e meio até sexta-feira.

Essa era a hora solitária depois do almoço, quando poucos ou nenhum cliente era esperado. Ele estava sozinho com sete mil livros. Cheirando a poeira e papel velho, a pequena sala escura – que dava para o escritório – estava abarrotada de livros, em sua maioria velhos e invendáveis. Nas prateleiras de cima, perto do teto, os volumes in-quarto de enciclopédias extintas adormeciam deitados de lado, empilhados como os caixões de covas comunitárias. Gordon afastou as cortinas azuis cobertas de poeira que serviam de porta de entrada para o próximo cômodo. Esse, mais bem iluminado que o outro, continha os livros para empréstimo. Era uma daquelas bibliotecas “por dois pence, sem depósito”, adoradas pelos afanadores de livros. Não tinha nenhum livro, exceto pelos romances, é claro. E QUE romances! Mas isso também era normal.

Em grupos de oitocentos, os romances se alinhavam na sala em três prateleiras que iam até o teto. Fileiras e mais fileiras de lombadas cafonas

e oblongas, como se as paredes tivessem sido construídas com tijolos multicoloridos colocados de pé. Estavam organizados em ordem alfabética. Arlen, Burroughs, Deeping, Dell, Frankau, Galsworthy, Gibbs, Priestley, Sapper, Walpole. Gordon olhou para eles com um ódio inerte. Nesse momento, ele odiava todos os livros e, acima de todos, odiava os romances. Era horrível pensar em todo aquele lixo úmido, mal-acabado, reunido em um só lugar. Pudim, pudim de sebo. Oitocentas lajotas de pudim de sebo, cercando-o – um cofre-forte de pudim de sebo. O pensamento foi opressivo. Ele passou pela porta aberta na parte da frente da loja. Ao fazer isso, alisou o cabelo. Era um movimento habitual. Afinal, poderia haver garotas do outro lado da porta de vidro. Gordon não era impressionante na aparência. Ele tinha apenas um metro e setenta de altura e, como seu cabelo geralmente estava comprido demais, dava a impressão de que sua cabeça era um pouco grande para o corpo. Ele nunca foi totalmente alheio à sua baixa estatura. Quando sabia que alguém o encarava, arrumava a postura, estufando o peito com um ar de “que se dane” que às vezes enganava pessoas ignorantes.

No entanto, não havia ninguém do lado de fora. A sala da frente, ao contrário do resto da loja, era elegante, de aparência chique e continha cerca de dois mil livros, exceto por aqueles da vitrine. À direita havia uma vitrine de vidro onde eram mantidos os livros infantis. Gordon desviou os olhos de uma sobrecapa horrorosa de Rackhames; crianças élficas puxando Wendily por um campo de campânulas. Ele olhou pela porta de vidro. Um dia feio, e o vento ficando mais forte. O céu estava pesado, as pedras da rua, escorregadias. Era o dia de santo André, 30 de novembro. A livraria McKechnie ficava na esquina de uma espécie de praça disforme para onde convergiam quatro ruas. À esquerda, bem à vista da porta, erguia-se um grande olmo, agora sem folhas, com seus numerosos ramos formando rendas cor sépia contra o céu. Do lado oposto, no lado do Príncipe de Gales, havia painéis altos cobertos com anúncios de alimentos e medicamentos patenteados. Havia uma galeria de bonecas monstruosas caras, com rostos vazios e rosados, cheios de um otimismo besta. Molho Q.T., Cereal Truweet – “as crianças clamam por seu Cereal da Manhã” –, vinhos

Borgonha Kangaroo, chocolate Vitamalt, Bovex. De todos eles, o pôster do Bovex era o que mais chateava Gordon. Um balconista de óculos com cara de rato e cabelo como couro envernizado estava sentado à mesa de um café sorrindo diante de uma caneca branca de Bovex. “Senhor Cafeíno aprecia suas refeições com Bovex”, dizia a legenda.

Gordon reduziu o foco de seus olhos. Da vidraça empoeirada, o reflexo de seu rosto olhou para ele. Não era um rosto bom. Não chegara aos trinta ainda, mas já estava acabado. Era muito pálido, com rugas amargas e indizimáveis. Tinha o que as pessoas chamam de “boa testa” – qual seja, alta –, mas com um queixo pequeno e pontudo, de modo que o rosto como um todo tinha mais forma de pera que oval. Cabelo cor de rato e desgrenhado, boca desagradável, olhos castanhos esverdeados. Ele ampliou seu foco ocular novamente. Odiava espelhos hoje em dia. Lá fora, tudo era desolador e invernal. Um bonde, como um cisne de aço estridente, deslizou gemendo sobre os paralelepípedos, e em seu rastro, o vento varreu um fragmento de folhas pisoteadas. Os galhos do olmo giravam, estendendo-se para leste. O pôster que anunciava o Molho Q.T. estava rasgado na borda; uma fita de papel esvoaçava intermitentemente como uma pequena flâmula. Também na rua lateral, à direita, os álamos displicentes que ladeavam a calçada curvaram-se fortemente quando o vento os atingiu. Um vento forte e desagradável. Havia uma nota ameaçadora nele quando passou; o primeiro grunhido de raiva do inverno. Duas linhas de um poema lutaram para nascer na mente de Gordon:

Bruscamente o vento alguma coisa – por exemplo, vento ameaçador? Não, melhor, vento cominador. O vento cominador sopra – não, varre, digamos.

Os álamos de alguma coisa – álamos dobrados? Não, melhor, álamos curvados. Assonância entre curvar e cominar? Não importa. Os álamos curvados, recém-desnudos. Ótimo.

*Sopra bruscamente, o vento cominador,
Os álamos curvados e
recém-desnudos.*

Ótimo. “Desnudos” é péssimo para rimar; no entanto, sempre há o “tudo”, para o qual todo poeta desde Chaucer tem se esforçado para encontrar rimas. Mas o impulso morreu na mente de Gordon. Ele revirou o dinheiro no bolso. Dois pence e meio e uma de três pence – dois pence e meio. Sua mente estava grudenta com o tédio. Não conseguia lidar com rimas e adjetivos. Você não consegue, com apenas dois pence e meio no bolso.

Seus olhos voltaram a concentrar-se nos pôsteres diante dele. Tinha motivos particulares para odiá-los. Releu mecanicamente os slogans. “Borgonha Kangaroo – o vinho dos britânicos.” “A asma a sufocava!”, “Q.T. – O molho que deixa o maridinho sorrindo”. “Caminhe o dia todo com apenas um tablete de Vitamalt!”, “Curve Cut – o cigarro para os homens do mundo.” “As crianças clamam pelo seu Cereal da Manhã.” “Pan Queca aprecia sua refeição com Bovex.”

Ahá! Um cliente – em potencial, pelo menos. Gordon enrijeceu o corpo. Parado à porta, seria possível ter uma visão oblíqua da janela da frente sem ser visto. Ele examinou o cliente em potencial.

Um homem de meia-idade com aparência decente, terno preto, chapéu-coco, guarda-chuva e pasta – advogado de província ou funcionário do município – fitando a janela com grandes olhos claros. Tinha um olhar culpado. Gordon seguiu a direção de seus olhos. Ah! Então era isso! Tinha farejado aquelas primeiras edições de D. H. Lawrence no outro canto. Ansiando por um pouco de obscenidade, claro. Ele tinha ouvido vagamente falar de Lady Chatterley. Ele tinha uma cara feia, pensou Gordon. Pálido, pesado, molenga, com contornos fracos. Pela aparência, era galês. Não conformista, ao menos. Ele tinha as bolsas nos cantos da boca comuns aos dissidentes. Em casa, era presidente da Liga da Pureza local ou do Comitê de Vigilância à Beira-mar (botas com sola de borracha e lanterna elétrica, flagrando casais se beijando ao longo do calçadão da praia), mas agora estava no agito da cidade. Gordon gostaria que aparecesse, lhe venderia um exemplar de *Mulheres apaixonadas*. Como esse livro o desapontaria!

Mas não! O advogado galês havia recuado. Pôs o guarda-chuva embaixo do braço e virou-se com veemência, dando as costas para a loja. Mas sem dúvida esta noite, quando a escuridão escondesse seus rubores, ele

se esgueiraria em alguma loja de materiais pornografia e compraria *Altas gozações em um convento parisiense*, de Sadie Blackeyes.

Gordon afastou-se da porta e voltou para as estantes. Nas prateleiras à esquerda de quem saía da biblioteca, eram mantidos os livros novos e seminovos – em uma parte com cores brilhantes que deveriam chamar a atenção de qualquer pessoa que olhasse pela porta de vidro. Das prateleiras, as lombadas elegantes e imaculadas pareciam ansiar pelos clientes. “Compre-me, compre-me!”, eles pareciam dizer. Romances recém-saídos da gráfica, noivas ainda intocadas, ansiosas pelo corta-papéis que as deflo-rariam, e velhas edições, como viúvas jovens, ainda florescendo, embora não mais virgens, e aqui e ali, em conjuntos de meia dúzia, aquelas solteironas patéticas, “encalhadas”, ainda guardando esperançosamente sua virgindade preservada por muito tempo. Gordon desviou os olhos das “encalhadas”. Evocavam lembranças ruins. O único livrinho miserável que ele próprio publicara, dois anos antes, vendera exatamente 153 exemplares e depois “encalhara”; e mesmo como “encalhado” não tinha vendido. Passou pelos livros novos e parou diante das estantes que faziam um ângulo reto com eles e que continham mais livros usados.

À direita, estavam as estantes de poesia. Os livros que estavam à sua frente eram de prosa, uma variedade grande. Eram classificados de cima para baixo, de limpos e caros, no nível dos olhos, aos baratos e sujos nas partes superior e inferior. Em todas as livrarias há uma selvagem luta darwiniana em que as obras de homens vivos gravitam ao nível dos olhos e as obras dos mortos ficam em cima ou embaixo – abaixo de Gehenna ou acima, no trono, mas sempre longe de qualquer posição onde serão notados. Nas prateleiras inferiores, os “clássicos”, monstros extintos da era vitoriana, apodreciam silenciosamente. Scott, Carlyle, Meredith, Ruskin, Pater, Stevenson – dificilmente se poderia ler os nomes em suas lombadas largas e antiquadas. Nas prateleiras de cima, quase fora de vista, dormiam as biografias rechonchudas dos duques. Abaixo delas, ainda vendável e, portanto, colocada ao alcance, estava a literatura “religiosa” – todas as seitas e todos os credos, agrupados indiscriminadamente. *O mundo do além*, do mesmo autor de *As mãos dos espíritos me tocaram*. *A vida de Cristo*, de

Dean Farrar. *Jesus, o primeiro rotariano*. O último livro de propaganda do catolicismo, do padre Hilaire Chestnut. Religião sempre vende, desde que seja sentimentalóide o suficiente. Abaixo, exatamente no nível dos olhos, estava o material contemporâneo. O mais recente de Priestley. Pequenas reedições de livros de “popularidade mediana”. O “humor” motivador de Herbert, Knox e Milne. Algumas coisas intelectuais também. Um ou dois romances de Hemingway e Virginia Woolf. Biografias inteligentes e pré-digeridas à moda de Strachey. Livros refinados e arrogantes sobre pintores e poetas conhecidos, escritos por essas jovens feras endinheiradas que voam tão graciosamente de Eton para Cambridge e de Cambridge para as resenhas em revistas literárias.

Com olhos embotados, ele fitou para a parede de livros. Odiava todos eles, velhos e novos, intelectuais e populares, esnobes e alegres. Sua mera visão trazia à tona sua própria esterilidade. Pois ali estava ele, um suposto “escritor”, e ele não conseguia nem mesmo “escrever”! Não era apenas uma questão de não ser publicado; ele não produzia nada, ou quase nada. E toda aquela bagunça amontoada nas prateleiras – bem, ao menos ela existia; era uma espécie de conquista. Até os Dells e Deepings produziam pelo menos seus hectares anuais de impressões. Mas era o livro esnobe, “culto”, que ele mais odiava. Livros cheios de crítica e beletrismo. O tipo de coisa que aquelas feras jovens e endinheiradas de Cambridge escreviam quase dormindo, e que o próprio Gordon poderia ter escrito se tivesse um pouco mais de dinheiro. Dinheiro e cultura! Em um país como a Inglaterra, é possível tanto ser considerado culto sem ter dinheiro quanto se pode ingressar no Cavalry Club. Com o mesmo instinto que faz uma criança balançar um dente mole com a ponta dos dedos, ele pegou um livro de aparência esnobe, *Alguns aspectos do Barroco italiano*, abriu, leu um parágrafo e o guardou de novo com uma mistura de ódio e inveja. Que onisciência devastadora! Aquele refinamento nocivo com óculos de aro de tartaruga! E quanto dinheiro custa esse refinamento! Afinal, o que há por trás disso, exceto dinheiro? Dinheiro para o tipo certo de educação, dinheiro para amigos influentes, dinheiro para lazer e paz de espírito, dinheiro para viagens à Itália. O dinheiro escreve livros, o dinheiro os vende. Não me dê justiça, Senhor, dê-me dinheiro, apenas dinheiro.

Ele balançou as moedas no bolso. Tinha quase 30 anos e nada havia realizado; apenas seu miserável livro de poemas, mais fino que uma panqueca. E, desde então, durante dois anos inteiros, lutou no labirinto de um livro terrível que nunca avançou, e que, como ele sabia em seus momentos de clareza, nunca avançaria. Foi a falta de dinheiro, simplesmente a falta de dinheiro, que o privou do poder de “escrever”. Ele se agarrou a isso como a um artigo de fé. Dinheiro, dinheiro, tudo é dinheiro! Você poderia escrever uma novela de um penny sem dinheiro para se dedicar inteiramente? Invenção, energia, sagacidade, estilo, charme – tudo isso tem que ser pago em dinheiro vivo.

Mesmo assim, ao olhar as prateleiras, sentiu-se um pouco consolado. Muitos dos livros estavam desbotados e ilegíveis. Afinal, estamos todos na mesma situação. *Memento mori*. Para você, para mim e para os jovens esnobes de Cambridge, aguarda-nos o mesmo esquecimento – embora, sem dúvida, aguarde um pouco mais aqueles jovens esnobes de Cambridge. Ele olhou para os “clássicos”, embotados pelo tempo, aos seus pés. Mortos, todos mortos. Carlyle e Ruskin e Meredith e Stevenson – todos mortos, que Deus os apodreça. Ele olhou para os títulos desbotados. *Coletânea de cartas de Robert Louis Stevenson*. Há, há! Essa era boa. *Coletânea de cartas de Robert Louis Stevenson!* A borda superior estava preta de poeira. Porque és pó, e pó há de tornar-te. Gordon chutou a lombada de tecido de Stevenson. Estás aí, velho farsante? Você é carne fria, se é que era escocês.

Bling! O sininho da loja soou. Gordon virou-se. Duas clientes da biblioteca.

Uma mulher abatida, com ombros redondos, de classe baixa, parecendo um pato imundo farejando o lixo, entrou atrapalhando-se com uma cesta de junco. Em seu encaço, entrou aos saltinhos uma mulher que parecia um pardalzinho rechonchudo, de bochechas vermelhas, de classe bem média, carregando debaixo do braço um exemplar d’*A saga dos Forsyte* – com o título para fora, para que os pedestres pudessem identificá-la como uma intelectual.

Gordon havia deixado a expressão azeda de lado. Ele as cumprimentou com a amorosidade caseira de um médico de família, reservada aos membros da biblioteca.

– Boa tarde, senhora Weaver. Boa tarde, senhora Penn. Que tempo terrível!

– Absurdo! – disse a senhora Penn.

Ele se afastou para deixá-las passar. A senhora Weaver virou sua cesta de junco e derrubou no chão um exemplar manuseado de *O casamento de prata*, de Ethel M. Dell. Os olhos brilhantes de pássaro da senhora Penn repousaram sobre ele. Pelas costas da senhora Weaver, ela sorriu maliciosamente para Gordon, de intelectual para intelectual. Dell! A sordidez disso! Os livros que essas classes mais baixas leem! Era compreensível, sorriu ele de volta. Elas entraram na biblioteca, com um sorriso de intelectual para intelectual.

A senhora Penn colocou *A saga dos Forsythe* na mesa e voltou seu peito de pardal para Gordon. Sempre foi muito afável com Gordon. Chamava-o de senhor Comstock, embora ele fosse um comerciante, e entabulava conversas literárias com ele. Entre eles havia uma espécie de maçonaria de intelectuais.

– Espero que tenha gostado d’*A saga dos Forsythe*, senhora Penn.

– Que obra MARAVILHOSA é aquele livro, senhor Comstock, perfeita! Sabia que essa é a quarta vez que eu o leio? Um épico, um verdadeiro épico!

A senhora Weaver fuçou entre os livros, estúpida demais para perceber que estavam em ordem alfabética.

– Não sei o que vou levar esta semana, não sei – murmurou ela com os lábios desleixados. – Minha filha, ela insiste comigo para eu tentar o Deeping. Minha filha gosta de Deeping, ela gosta. Mas agora, meu genro é mais chegado em Burroughs. Não sei ao certo.

Um espasmo passou pelo rosto da senhora Penn com a menção de Burroughs. Altivamente, deu as costas à senhora Weaver.

– O que sinto, senhor Comstock, é que há algo de GRANDE em Galsworthy. Ele é tão amplo, tão universal e, ao mesmo tempo, totalmente inglês em espírito, tão HUMANO. Seus livros são verdadeiros documentos da HUMANIDADE.

– E Priestley também – disse Gordon. – Acho que Priestley é um escritor muito bom, não acha?